

Os possíveis futuros em uma explosão semiótica lotmaniana: memórias e acervos de Tina Turner ¹

Débora Regina BACEGA²

Mônica Rebecca Ferrari NUNES³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo tematiza a Semiótica da Cultura sob a perspectiva de Iúri Lotman em seus estudos sobre os mecanismos da cultura, ora na atualização de textos, ora na geração de novos conteúdos informacionais. Em seu recorte empírico, este estudo de caso traz a exposição curatorial *Tina Turner: uma viagem para o futuro* (2023), realizada no Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo. A prática estética, por sua vez, aciona os acervos biobibliográficos tecidos em conjuntos documentais da cantora pop. Desta feita, este trabalho apresenta os acervos biobibliográficos de Tina Turner, compreendidos como textos culturais, em explosão lotmaniana, acionada pelas hashtags #expotina, #tinanomis e #tinaturner. Espera-se demonstrar como narrativas mnemônicas até então submersas podem se sobressair na cultura quando a artista falece em 24 de maio de 2023.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica da cultura; memória; acervos biobibliográficos; explosão lotmaniana; Tina Turner.

Considerações iniciais

Os acervos biobibliográficos materializados em conjuntos documentais podem se organizar em um arquivo nominalmente de um indivíduo, podendo elucidar as atividades relacionadas à peculiaridade de sua trajetória (SMIT, 2017). Por outro lado, como explica Derrida (2001), o arquivo exala o seu mal, numa perspectiva freudiana, ao penhorar o futuro, denunciando, muitas vezes, uma ausência mnemônica. Ainda assim, o arquivo aguarda a sua revelação, embora nenhum documento possa falar por si mesmo (ROUSSO, 1996). Nessa toada, ao debruçarmos sobre esses materiais, ampliam-se as possibilidades de leitura diante desses documentos, surgindo outras vozes para o mesmo arquivo (FARGE, 2017). No entanto, o armazenamento *ad infinitum* não representa a memória,

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM/SP. Bolsista CAPES-PROSUP Integral. Membro do Grupo de Pesquisa MNEMON (ESPM/CNPq), e-mail: deborabacega@gmail.com

³ Bolsista de Produtividade 2 CNPq. Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo, PPGCOM-ESPM, SP. Líder do Grupo de Pesquisa MNEMON, Memória, Comunicação e Consumo (ESPM/CNPq), e-mail: monicarfnunes@espm.br

uma vez que esta “define-se especificamente em função da ordem da colocação temporal dos objetos que recordamos” (COLOMBO, 1991, p. 80). Já como sistema de signos, os acervos biobibliográficos podem ser interpretados e ressignificados, de acordo com as práticas, técnicas ou tecnologias disponíveis na cultura (COLOMBO, 1991). Para tanto, essas práticas dialogam com a memória cultural (ASSMANN, 2011): “é sobretudo a arte que tematiza a crise da memória e encontra novas formas para a dinâmica da recordação e do esquecimento culturais”, nas quais o arquivo pode se sobressair no processo de criação artística (ASSMANN, 2011, p. 26). Assim, uma vez objeto de práticas estéticas, os acervos passam a ser traduzidos em novas linguagens. Do ponto de vista da Semiótica da Cultura, proposta pela Escola de Tártu-Moscou, em seu caráter comunicativo e informacional, essas linguagens são textos da cultura, metodologia que baliza a nossa análise neste artigo, como traz o semioticista Iúri Lotman (1996; 1999; 2021) e suas comentadoras (NUNES, 2001; 2013; 2019; MACHADO, 2003).

Desta feita, este artigo apresenta os acervos biobibliográficos da cantora pop Tina Turner, compreendidos como textos culturais, em explosão lotmaniana, tendo como recorte empírico os acervos da exposição intitulada *Tina Turner: uma viagem para o futuro*, dedicada à artista no MIS (Museu da Imagem e do Som), na cidade de São Paulo, complementados pela pesquisa documental e bibliográfica. Expliquemos: como texto cultural, Tina Turner representa códigos e signos que são codificados, decodificados, articulados, e, *a posteriori*, reapresentados, a exemplo da prática curatorial. Nesse ínterim, os acervos biobibliográficos, que documentam sua vida e obra, podem ser compreendidos como sistema de signos (COLOMBO, 1991). No entanto, a exposição, como texto cultural, pode sofrer uma explosão lotmaniana, quando ao olharmos para o passado da cantora, desconstruímos o retrato mais evidente de celebridade pop, reiterado pelos meios culturais, como a imprensa, o cinema, as fotografias de seus shows. Assim, neste artigo, pretende-se responder à seguinte questão: *que narrativas mnemônicas sobre a artista até então submersas podem se sobressair na cultura?*

Na exposição *Tina Turner: uma viagem para o futuro* (MIS, 2023), que teve a com curadoria e direção criativa do ecossistema criativo MOOC e curadoria adjunta da jornalista Adriana Couto, tanto a cantora quanto a prática curatorial são compreendidas em um percurso labiríntico de fotografias, vídeos ou imersões interativas com perucas de Tina e um palco, além da intervenção estética da artista brasileira Vitória Cribb, tornando recorte empírico deste trabalho que pretende discutir como os mecanismos da cultura em

relação à memória e ao esquecimento, como propõe Iúri Lotman (1999; 2021), podem descortinar as facetas menos conhecidas de personalidades culturais. Graças a esse movimento, certas narrativas podem ser desconstruídas, trazendo à tona perspectivas outras em uma memória biográfica, tema do próximo tópico.

Biografia, obra, acervos: breves aproximações teóricas

Em relação à invenção da biografia, o historiador Peter Burke (1997) traz, em suas articulações ensaísticas, como os aspectos da biografia renascentista foram, muitas vezes, considerados pelos historiadores fatos sem relevância, falta de sensibilidade, mudança etc. Para tanto, Burke (1997, p. 86) lança as seguintes questões: “o que pensavam os contemporâneos sobre a forma e a função do que nós chamamos de biografia?” e “o que essas ideias e pressupostos sobre a biografia nos dizem sobre suas visões do indivíduo, ou sobre toda a sua cultura?” Fazendo menção a ótica do estudioso da cultura e história Robert Darnton, o pesquisador inglês sugere um caminho que parte da sensação de estranhamento para perceber a condição do outro, explorando certas diferenças entre o presente e o passado (BURKE, 1997). O pensador traça uma breve revisão da ascensão da biografia na Europa do Renascimento e discute as regras contemporâneas do gênero biográfico e sua relação com a cultura. Deste ensaio, extraímos que as biografias renascentistas variavam de acordo com o seu contexto: tal como na antiguidade clássica, a morte de uma pessoa torna-se a oportunidade para uma oração fúnebre que pode ser comparada, analogamente, à prática do obituário. (BURKE, 1997). Nota-se, ainda, que havia uma escolha das personalidades cujas vidas eram consideradas apropriadas para uma biografia, desde governantes e filósofos até gerais e literatos (BURKE, 1997). Já do ponto de vista filológico, o termo *biographia*, cunhado na Grécia, traduz-se em “escrever vidas, por exemplo, na biografia de *Alexandre, o Grande*, Plutarco faz uma distinção importante entre escrever história narrativa e escrever vidas”, da ótica privada quanto pública, descrevendo a personalidade individual, muitas vezes, por meio de uma breve frase ou uma anedota. (BURKE, 1997, p. 91). Ainda que os textos de Plutarco recebessem críticas e apoiadores por desvelar a intimidade de seus biografados, era um estímulo que legitimaria “o interesse pela vida privada, a personalidade única e a aparência física dos indivíduos” (BURKE, 1997, p. 92). Consequentemente, os textos renascentistas apresentam a noção de exemplaridade, sendo o texto organizado de acordo

com categorias morais, tais como clemência, humildade, prudência etc., tensionando a concepção de um indivíduo ora exemplar, ora único: “a prática renascentista corriqueira de se referir aos príncipes em particular como um ‘novo Augusto’, um ‘segundo Carlos Magno’, e assim por diante, mostra claramente essa tensão”, nas palavras de Burke (1997, p. 95). Em segundo lugar, há o pressuposto de que a personalidade é estática, “o produto fixo de um equilíbrio de humores”, sendo muitas vezes “o resultado inevitável de uma constelação de fatores ligados ao nascimento”, originando a possibilidade de prever o futuro do herói, aspecto que não é anulado pelo esquema cronológico encontrado em algumas poucas biografias do período que retratam a constância, a exemplo de “uma rocha ou uma poderosa árvore em meio a uma tempestade” (BURKE, 1997, p. 96). Como afirma o historiador, a preocupação com a biografia, considerada íntima, já podia ocorrer desde séculos anteriores, porém, é no século XVIII que se vislumbra uma certa alteração, de modo que a personalidade passa a ser fruto de um processo de contínuo desenvolvimento, tendo *As confissões* de Jean Jacques Rousseau um dos exemplos que evidenciam este formato de autobiografia (BURKE, 1997).

Corroborar essa perspectiva o historiador Roger Chartier, ao dizer que o século iluminista cria o gênero da biografia literária, na medida em que “articula os momentos da vida, as experiências, os sofrimentos, as felicidades do escritor, às obras escritas em relação com essas experiências”, modelo que permanece até hoje. Porém o pesquisador faz uma ressalva: apesar dessa ideia transitar pelo século XVIII, a possibilidade de realizá-la era impraticável, pois os autores do passado quase não haviam deixado acervos, a exemplo de Shakespeare, cuja “cronologia de produção da escrita das peças – muito diferente, talvez, da cronologia de sua publicação – e para quem não havia nenhum arquivo”, exceto contratos de venda ou de compra de casa e uma participação em um processo (CHARTIER, 2022, p. 1025).

Assim, a aplicação deste modelo de biografia torna-se restrito devido à ausência de arquivos de acordo com o pesquisador da cultura: o que existiam eram compilações de anedotas ou, como vimos, no Renascimento Italiano, uma justaposição entre um *cursus honorum* e um repertório de obras, sem exteriorizar uma relação entre um e outro. (CHARTIER, 2022). Portanto, o que havia sido proposto no século XVIII, na visão de Chartier (2022, p. 1026), torna-se realizável quando, a partir do século XIX, surgem “os acervos, tanto os arquivos de indivíduos (desde memórias e diários íntimos até correspondências), quanto os arquivos sobre a criação estética, que permitem localizar as

obras em seu contexto de escrita, de representação ou publicação”. Dessa maneira, é possível identificar duas temporalidades: a interna quando, no próprio relato, vinculam-se criações e experiências; e de temporalidade histórica, que separa o tempo do biografado e o tempo do biógrafo, ou seja, essa diferença temporal “como um indício de uma ruptura, de uma descontinuidade forte no século XVIII” (CHARTIER, 2022, p. 1026).

Já a socióloga argentina Leonor Arfuch (2010) traz em seus estudos a concepção de um espaço biográfico que extrapola os gêneros como biografias, autobiografias, memórias, mas se torna uma tendência da subjetividade. Impulsionadas pelos *realities shows*, a noção de intimidade é esgarçada nas telas, principalmente, das redes sociais. Em geral, o espaço biográfico parece não ter limites: encontra-se na fotografia e nas artes plásticas, assim como nas ciências sociais, de modo que os relatos pessoais e autobiográficos destacam-se em relação aos dados quantitativos. De uma perspectiva transdisciplinar, Arfuch apresenta as temáticas da linguística, da análise de discurso, da semiótica, das teorias do discurso, além de reflexões sobre a linguagem, de modo que a narrativa, que se articula como as seguintes disciplinas: literatura, filosofia, história, sociologia e psicanálise (ARFUCH, 2010).

Por outro lado, em diálogo com os estudos da Semiótica da Cultura da Escola de Tártu-Moscú, como apresentamos aqui, a narrativa biográfica e o acervo podem ser compreendidos como textos culturais que se atualizam no sistema modelizante da cultura. Dessa feita, como texto cultural mítico-midiático (NUNES, 2001; 2013), a memória midiática, acionada pela Imprensa, vai revelar os segredos mágicos, borrando as fronteiras entre a vida pública e privada, também de forma ficcional (NUNES, 2001).

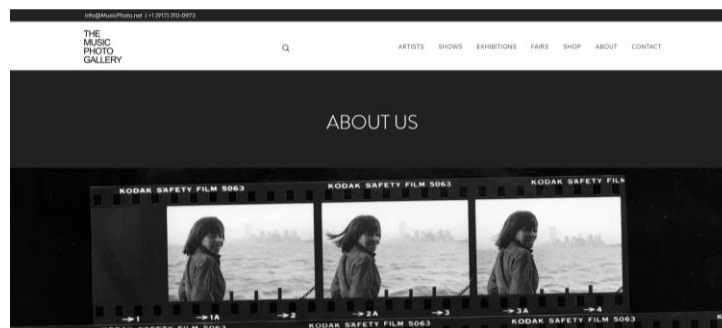
Dito de outro modo: “a arte da memória, a mnemotécnica, já enunciava esta elaboração da morte, sob a qual nasceu a memória artificial, afinal foi para nomear/identificar os mortos, que Simônides cria o sistema de lugares e imagens” (NUNES, 2013, p. 47). Desde a arte de Simônides ao nascimento da prensa por tipos móveis, as culturas acompanham o surgimento de formas tecnológicas de codificação da memória, porém, os aspectos míticos, mágicos e rituais da tessitura da memória permanecem, pois um texto cultural pode se transformar e conservar o que era anteriormente conhecido - a exemplo da força mítica/mágica da palavra, ainda hoje presente nos sistemas midiáticos, em especial na linguagem jornalística, como indica Nunes (2001).

Assim, a memória biográfica pode se abrir ao futuro, a partir das proposições de Iúri Lotman sobre os processos explosivos na cultura, que apresentamos a seguir.

Encontros com Tina Turner: singularidade, relato e afetação durante a pesquisa

Em consonância com as reflexões teórico-metodológicas apresentadas até aqui, damos início à nossa análise, em formato de um relato de pesquisa, permeado por afetações, implicações e, talvez, criações que fazemos sobre Tina Turner. Previamente, torna-se necessário ressaltar que a prática curatorial *Tina Turner: uma viagem para o futuro* (2023) aciona os conjuntos documentais arquivísticos, midiáticos, audiovisuais e editoriais da cantora pop, que alcançou a marca de quase 200 milhões de discos vendidos e 12 Grammys (MIS, 2023, on-line). Como informa o site do museu⁴, a exposição trazia cerca de 120 fotos do acervo da *The Music Photo Gallery* realizadas pelos fotógrafos americanos Ebet Roberts, Bob Gruen e Lynn Goldsmith e pelo londrino Ian Dickson. Nota-se que a *The Music Photo Gallery* traz acervos de artistas e músicos no site <https://www.musicphoto.net/about>, como ilustra a figura 1

Figura 1 – Tela capturada do site *The Music Photo Gallery*



Fonte: <https://www.musicphoto.net/about> Acesso em: 3 jul. 2023

Já o projeto curatorial, que traz uma das narrativas possíveis sobre a artista, concentrava-se em quatro eixos: “sua inigualável carreira musical; o poder feminino que faz da artista um referencial de superação; sua marcante participação na sétima arte; e seu estilo único refletido nos figurinos e seus penteados emblemáticos, envolvendo colaborações com grandes nomes da moda” (MIS, 2023, on-line). Na linha do tempo, desenhada em uma das paredes da exposição, há menção da biografia *Eu, Tina: a história*

⁴ Ver mais em: <https://www.mis-sp.org.br/exposicoes/passada/572d7ed4-9e79-4125-8de1-aa4bcae78c04/tina-turner-uma-viagem-para-o-futuro> Acesso em: 10 jul. 2023.

de minha vida, publicada, em 1987, quase dez anos após seu divórcio com Ike Turner; e sua autobiografia *Tina Turner: Minha História de Amor* (2019).

Previamente, reconhecemos a diva pop pelas músicas, roupas, coreografias, filmes, no entanto, nosso encontro com Tina Turner é também de afetação (MORICEAU, 2020). Sob essa perspectiva, o fazer pesquisa tem como intuito “mover ou abalar o que é tido como dado, trazendo diferenças e complementaridades, novas perspectivas e conceitos”, como elucida Moriceau (2020, p. 134). Acolher a diferença e o inesperado revela “um desejo de contato e uma hospitalidade ao que vem, que se aproxima”, sem, no entanto, desconsiderar a teoria, mas requer uma postura que exclui o controle sob a totalidade do encontro (MOURICEAU, 2020, p. 134). Dessa feita, esse relato não pretende escrutinar Anna Mae Bullock ou Tina Turner, mas observá-las como fenômeno cultural, da memória e da comunicação. Como texto cultural, Tina Turner representa códigos e signos que são codificados, decodificados, articulados, e, *a posteriori*, rerepresentados na semiosfera cultural, de forma mais evidente, com a prática curatorial que resulta no percurso labiríntico de fotografias, vídeos ou imersões interativas citados anteriormente. Nesse ínterim, os acervos biobibliográficos, que documentam sua vida e obra, podem ser compreendidos como sistema de signos (COLOMBO, 1991), sendo interpretados e ressignificados de acordo com as práticas, técnicas ou tecnologias disponíveis na cultura. Assim, esse encontro com os acervos de Tina Turner nos aproxima da mulher, por vezes, talentosa em meio à vontade, talvez, de ser também uma excelente mãe e companheira, como ilustra a figura 2: a artista adota os dois filhos de seu parceiro Ike Turner, ajustando-se às suas demandas, entre elas, adotar o seu sobrenome artístico.

Figura 2 – Reproduções fotográficas de Tina Turner com os quatro filhos, em dois momentos, na exposição do MIS, *Tina Turner: uma viagem para o futuro* (2023).



Fonte: fotografia das autoras

Porém, inevitavelmente, nossas subjetividades e singularidades afloram: aqui, retomamos o filósofo Baruch Espinosa (1979) quando este propõe que podemos sentir tristeza ou raiva, por reminiscência, ao olharmos alguém que fere um objeto pelo qual sentimos alegria. Sentimos alegria ao ver Tina no palco: seu corpo dança, sua voz emana letras que nos trazem a superação de amores, a exemplo da figura 3. Porém, a imagem de Ike já não se torna tão agradável: em uma relação abusiva e, não menos violenta, que se revela pública quando a artista tenta o suicídio, ou, ao ser ameaçada pelo companheiro em plena gravidez (TURNER, 1987). Esses eventos tornam-se parte de nosso percurso mnemônico-afetivo na condição de pesquisadoras, ainda que Tina Turner registre, em sua última autobiografia, que, na contagem dos anos vividos, esteve muito mais tempo longe do que perto dele, além de tê-lo perdoado, por conta de suas práticas budistas (TURNER, 2019; 2022).

Figura 3 – Tela capturada da edição de novembro de 1969 da revista *Rolling Stone* que traz Tina Turner na capa



Fonte: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/tina-turner-foi-a-primeira-mulher-negra-a-estampar-a-capa-da-rolling-stone-eua/> Acesso em 5 ago. 2023

Por um lado, reitera-se, na prática curatorial, a potência feminina de Tina Turner em sua libertação da relação conjugal com Ike. Essa é a perspectiva que temos ao entrarmos na exposição: à nossa frente, vemos um palco, com um telão, no qual se reproduz fragmentos de shows da cantora. Devido à altura deste telão, Tina, a nosso ver, torna-se enorme no contexto curatorial, ainda que as suas perucas e pernas sejam destaque no percurso dentro dos espaços do museu, como traz a figura 4: as pernas da cantora, signo de sua libertação nos palcos e na vida, vem de cima para baixo. Em outras palavras,

é necessário direcionar o olhar para a dança de Tina, se quisermos encontrar não apenas a sua vertente performática, mas sua sensibilidade diante das agruras enfrentadas: como artista e como mulher, Tina não dança *na* vida, ela dança com *a* vida.

Figura 4 – Fotografia da instalação que remete às pernas com meias-calças brilhantes e saltos altos de Tina Turner



Fonte: fotografia das autoras

Nota-se que a artista casou-se com o produtor musical alemão Erwin Bach, que lhe doa um de seus rins quando a cantora adoece por insuficiência renal, além das limitações de um derrame (TURNER, 2019) – em certa medida, pontos na narrativa de sua trajetória, assim como o que extraímos das imagens anteriores à sua fase performática na cultura pop. A exposição *Tina Turner: uma viagem para o futuro* é uma das formas pelas quais as múltiplas linguagens externalizam essas outras facetas da artista, projetando a memória frente à imaginação de outros futuros para além da narrativa da cantora, por exemplo, quando vimos a intervenção artística de Vitória Cribb, como ilustra a figura 5. Por meio dessa instalação, situada na parede do corredor que dava acesso à saída do percurso da exposição, pode-se perceber os mecanismos da cultura em relação à memória e ao esquecimento, como propõe Iúri Lotman (1999; 2021). O semiótico, um dos protagonistas da Escola de Tártu-Moscú (ETM), vai expandir a definição de cultura como a memória não-hereditária, organizada hierarquicamente em códigos e signos, em um espaço semiótico denominado semiosfera. Dessa forma, a ETM

propõe a prática semiótica não como uma forma de “transportar teorias para a análise do objeto que, dessa forma, tem de conformar-se a elas”, mas “deriva teorias pelo exame das propriedades a partir do próprio objeto. A semiótica aplicada é, sobretudo, um exercício de questionamento” (MACHADO, 2003, p. 35). Em outras palavras, a semiótica da cultura dedica-se ao conhecimento aplicado para o estudo da linguagem e dos sistemas de signos. Observamos o percurso das vivências e da narratividade de Tina Turner como textos culturais que, na maioria das vezes, encontram-se gradualmente por meio das fronteiras semióticas, que filtram o espaço externo e interno da semiosfera.

Em vídeo sobre essa instalação, disponível no Instagram, como mostra a figura 5, a artista brasileira Vitória Cribb traz os detalhes de seu processo criativo ao construir uma narrativa sobre a vida e obra de Tina Turner.

Figura 5 – Da esquerda para direita, fotografia da instalação artística de Vitória Cribb no MIS e tela capturada do Instagram da artista traz seu processo criativo em diálogo com a vida e a obra de Tina Turner



Fonte: Composição das autoras: fotografia das autoras e <https://www.instagram.com/p/CuaLLjushJo/> Acesso em: 15 jul. 2023

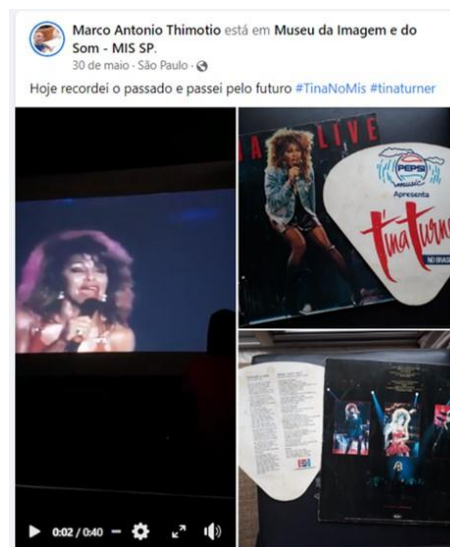
De certa maneira, a exposição como texto cultural pode sofrer uma explosão lotmaniana quando ao olharmos para o passado da cantora, desconstruímos o retrato mais evidente de celebridade pop, reiterado pelos meios culturais, como a imprensa, o cinema, as fotografias de seus shows. Por outro lado, Lotman (2021, p. 97) atenta-se ao caráter explosivo desse processo: “o momento de explosão não é apenas o ponto em que novas possibilidades tomam forma, mas também o momento de criação de outra realidade, de deslocamento e de reinterpretação da memória”.

O semioticista alerta que certas explosões desestabilizam as profundezas da cultura, enquanto outras vão influenciar a tal ponto que podem substituir conceitos por metáforas. Para Lotman (2021, p. 93), situações previsíveis dificilmente vão dar origem

a algo novo, pois se trata daquele “conjunto de eventos prováveis, em que cada um deles possui a mesma probabilidade de ser realizado no futuro”. É o momento de explosão que interrompe a cadeia de causa e efeito, deixando emergir outras possibilidades. Esse momento evidencia a interseção entre o passado e o futuro numa dimensão atemporal. Dessa forma, como explica o historiador russo, a interpretação da explosão muda de acordo com a posição do observador que a descreve: ao olharmos do presente para o passado, vemos uma única cadeia de eventos concluídos, ao olharmos para o futuro a partir do presente, vemos um conjunto de possibilidades igualmente prováveis (LOTMAN, 2021).

A cantora falece em 24 de maio de 2023, momento em que a intervenção curatorial, ainda em cartaz, passa a ter fila de visitantes do lado externo ao museu e o site da iniciativa sai do ar devido ao volume de acessos (BERGAMO, 2023). Os relatos sobre a figura da diva pop em postagens de fotografias ou vídeos, tagueadas com as hashtags #tinaturner, #tinanomis e #expotina podem ser encontradas nas redes sociais Instagram, Facebook, Twitter e TikTok, a exemplo da figura 6, publicada em 30 de maio de 2023.

Figura 6 – Tela capturada de conteúdo no Facebook tagueado com as hashtags #tinaturner e #tinanomis



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=6736288799739144&set=pcb.6736289719739052> Acesso em 30 jul. 2023

Como citamos na primeira parte deste artigo, cada uma das postagens *post mortem* sobre a artista reflete a possibilidade de imaginarmos a nossa própria Tina Turner, a exemplo de Cribb, deixando registrado um obituário, uma biografia sobre a cantora, ou

sua afetação, como pretendemos fazer neste artigo. Esses acervos de postagens nas redes sociais podem corroborar a compreensão dos mecanismos imprevisíveis culturais, como explica Lotman (1999; 2021), quando notamos que outras textualidades narrativas surgem sobre Tina Turner, como se lê na citação da figura 6: “hoje recordei o passado e passei pelo futuro #TinanoMIS, #tinaturner” (THIMOTIO, 2023), no qual podemos ver à esquerda a reprodução do vídeo do show de Tina Turner no Maracanã, em 1988, no Rio de Janeiro, que estava sendo veiculado em uma das salas dedicadas à cantora pop em *Tina Turner: uma viagem para o futuro* (2023); enquanto à esquerda, há a fotografia da capa de um dos discos da artista e uma peça gráfica em formato de leque, com inscrições do show “Pepsi Music apresenta Tina Turner #1988”. Essa publicação, por sua vez, pode ser complementada com o conteúdo localizado a partir do nome do show na rede social Twitter, atual X, em 24 de maio de 2023, data da morte da cantora, como indica a figura 7: trata-se da reprodução imagética do ingresso impresso deste show – que traz uma ilustração de Tina Turner e as informações sobre o espetáculo no estádio do Maracanã, tagueado com a hashtag #1988, momento em que a cantora esteve no Brasil.

Figura 7 - Tela capturada da publicação que traz o ingresso do show de Tina Turner no Brasil com a hashtag #1988



Fonte: <https://twitter.com/capasderevistas/status/1661445089137156097> Acesso em: 30 jul. 2023

Aqui, novamente, reconhecemos o conjunto de documentos que passa a compor a narrativa de um recorte biográfico da artista em nosso país: ora em 1988, quando a artista se apresentou pela primeira vez em solo brasileiro; ora em 2023, quando a exposição revela-se como a primeira iniciativa curatorial, no Brasil, que traz seus acervos, rerepresentando, assim, Tina Turner a todos nós. Dito de outra maneira, a partir de nossas

observações, é possível inferir o surgimento de múltiplas nuances sobre a artista, ora baseadas em afetações, ora projetadas *ad infinitum*.

Considerações finais

Os processos explosivos, para o autor russo, dizem respeito “ao modo como nascem novas mensagens no processo comunicacional” (Nunes, 2019, 201), o que observamos com o nascimento das hashtags espargidas nas redes em contínuo crescimento semiótico. Assistimos ao aumento do volume dos textos que compõem a memória das semiosferas Tina Turner e da própria cultura pop e, dessa forma, garantem a longevidade do texto Tina Turner, de modo a nascer e renascer de cada novo texto produzido nas redes ou fora delas. Em Lotman, lemos que “os sentidos na memória da cultura não se conservam, mas crescem. Os textos que formam a memória comum de uma coletividade cultural não só servem de meio de decifração dos textos que circulam no corte sincrônico contemporâneo da cultura, mas também geram novos textos.” (LOTMAN, 1996, p.160). Esse processo infinito de geração de textos nos faz entender que a memória produzida por esta exposição não apenas traz o passado de Tina Turner como uma coleção de fatos acabados e concluídos, mas é fundamentalmente geradora, uma memória-gênese, memória do futuro.

REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

BERGAMO, Mônica. “Buscas por exposição de Tina Turner derrubam o site do MIS”. Coluna. **Folha de S. Paulo**, 24 maio 2023, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2023/05/buscar-por-exposicao-de-tina-turner-derrubam-o-site-do-mis.shtml> Acesso em: 5 jun.2023

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Revista Estudos históricos: Indivíduo, biografia, história**. v. 10 n. 19, 1997. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2038/1177> Acesso em 10 jul. 2023

CHARTIER, Roger. A invenção de biografias, traduções e historiografia: entrevista com Roger Chartier – Parte III. [Entrevista cedida a:] FURTADO, André; COELHO, Anna. **Varia Historia**. Belo Horizonte, vol. 38, n. 78, p. 1023-1041, set/dez 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-87752022000300015> Acesso em: 10 jul. 2023.

COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CRIBB, Vitória. #Repost @mis_sp. Vitória Cribb (@louquai), artista convidada para produzir uma obra inspirada na carreira de Tina Turner, fala sobre o processo de criação e o conceito por trás da obra “Undercover agent for the truth”, que faz parte da exposição “Tina Turner: uma viagem para o futuro”, junto com cerca de 120 fotografias raras da cantora. São Paulo, 7 jul. 2023. Instagram: @louquai Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuaLLjushJo/> Acesso em: 10 jul. 2023

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ESPINOSA, Baruch. Pensamentos Metafísicos, Tratado da Correção do Intelecto e Ética (Partes II e III). In: CHAUI, M. S. (Org.). **Os Pensadores**. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial, 1979.

FARGE, Arlete. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

LOTMAN, Iúri. Sobre o problema da tipologia da cultura. In. SCHNAIDERMAN, Boris. (Org.) **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

LOTMAN, Iúri. **La semiosfera I**. Madri: Ediciones Cátedra, V I, 1996.

LOTMAN, Iúri. **Cultura y Explosión**: Lo previsible Y lo imprevisible em los procesos de cambio social. España: Gedisa Editorial, 1999.

LOTMAN, Iúri. Processos explosivos. In. MACHADO, Irene. (Organização, edição, tradução e notas.) **Mecanismos imprevisíveis da cultura**. São Paulo: Hucitec Editora, 2021.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica**: a experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MIS (Museu da Imagem e do Som). **Tina Turner: uma viagem para o futuro**. São Paulo, 2023 Disponível em: <https://www.mis-sp.org.br/exposicoes/emcartaz/572d7ed4-9e79-4125-8de1-aa4bcae78c04/tina-turner-uma-viagem-para-o-futuro> Acesso em: 3 jul. 2023

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

NUNES, Mônica R. F. **A memória na Mídia**: a evolução dos memes de afeto. São Paulo: Annablume, FAPESP, 2001.

NUNES, Mônica R. F. **Mito, memória e comunicação**: da tradição oral à oralidade mediatizada. In.: SANTHIAGO, Ricardo; BARBOSA, Valéria. (Orgs.). Depois da utopia: a história oral em seu tempo. São Paulo: Letra e voz: Fapesp, 2013.

NUNES, Mônica R. F. Memória do futuro, explosão, pancronia: a semiótica de Lotman e os estudos da memória e do tempo nas teatralidades juvenis. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, [S. l.], v. 14, n. 4, p. Port. 192–210 / Eng. 184, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/38563>. Acesso em: 31 mar. 2023.

REVISTAS ANTIGAS. Pepsi Music apresenta Tina Turner #1988. 24, maio 2023. **Twitter:** @capasderevistas. Disponível em: <https://twitter.com/capasderevistas/status/1661445089137156097> Acesso em: 30 jul. 2023.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. **Revista Estudos Históricos: Historiografia**. v. 9 n. 17, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2038/1177> Acesso em: 20 jul. 2023.

SMIT, Johanna W. Entre arquivos, bibliotecas e museus: a interdisciplinaridade em pauta. In.: CAMPOS, José Francisco G. **Arquivos pessoais: experiências, reflexões, perspectivas**. São Paulo: ARQ-SP, 2017.

THE Music Photo Gallery. Site. Disponível em: <https://www.musicphoto.net/> Acesso em; 3 jul. 2023.

THIMOTIO, Marco A. “hoje recordei o passado e passei pelo futuro #TinanoMIS, #tinaturner”. São Paulo, 30 maio 2023. Facebook: Marco A. Thimotio. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=6736288799739144&set=pcb.6736289719739052> Acesso em: 30 jul. 2023

TURNER, Tina. **Eu, Tina: a história de minha vida**. Com Kurt Loder. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

TURNER, Tina. **Tina Turner: minha história de amor**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Best Seller, 2019.

TURNER, Tina. **A plenitude do ser: o guia para uma vida transformada**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Alta Books, 2022.

TINA Turner: uma viagem para o futuro. **MIS (Museu da Imagem e do Som)**. São Paulo, 2023 Disponível em: <https://www.mis-sp.org.br/exposicoes/emcartaz/572d7ed4-9e79-4125-8de1-aa4bcae78c04/tina-turner-uma-viagem-para-o-futuro> Acesso em: 3 jul. 2023